

MEMÓRIAS E BORDADOS: HISTÓRIAS DA INSTALAÇÃO *SALA DE ESTAR*

JÚLIA PETIZ PORTO¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – juliapporto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – angela.raffin.pohlmann.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Apresento, neste resumo, um recorte minha pesquisa em Artes Visuais, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes Visuais da UFPel, dentro da linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Nesta pesquisa, intitulada provisoriamente como “NARRAR O AVESSO: rememorar, habitar, bordar”, parto da minha produção artística para investigar relações entre arte e vida cotidiana, reconhecendo as técnicas manuais têxteis, muitas vezes associadas ao artesanato e não ao campo da arte, como linguagens expressivas e articuladoras de sentidos, explorando suas ligações ao feminino e ao feminismo. No recorte aqui apresentado, exploro a instalação *Sala de Estar* enquanto obra de arte potente em gerar espaços de partilha e diálogo.

Através do ato de bordar, busco a ativação de memórias pessoais e coletivas: as memórias do público-participante, minhas memórias relativas ao bordado que me foi ensinado pelas mulheres da minha família como um ato de cuidado, do lugar desprivilegiado que as artes têxteis ocuparam na historiografia tradicional da arte, da retomada do bordado em movimentos de mulheres pela transformação social e por artistas contemporâneas feministas. Utilizando estas memórias como os pequenos recortes de tecido que formam uma colcha de retalhos, teço uma *herstory* (MIRANDA, 2018), ou seja, uma outra história da arte que se baseia nas experiências femininas e feministas de criar. Teço reflexões dialogando com autoras e artistas/artivistas, partindo da visão de que esse trabalho de questionamento e mudança dos cânones é uma forma de ativismo dentro da academia.

2. METODOLOGIA

Pratico as artes da agulha desde a infância, quando fui ensinada pelas mulheres da minha família. A casa onde vivíamos era povoada por criações dessas mulheres com roupas, toalhas, almofadas, panos de prato e outras decorações feitas ou reformadas por suas mãos. Bordar, tricotar, crocheter e costurar eram formas de cuidar umas das outras, demonstrar afeto e atenção. Sobre tudo, sentar-se para praticar essas atividades era um momento de encontro, para conversar sobre a vida e estar juntas.

Trago essa concepção para a minha prática artística, usando as artes têxteis como uma ferramenta para tecer redes entre pessoas, criar encontros e espaços de diálogo. O bordado demanda uma presença de corpo inteiro, pois cada ponto marca a trama do tecido, deixando-a “machucada” mesmo que desfeito. Quais potências podem ser ativadas ao convidar o espectador-participante à presença ativa? Essa é uma das questões que move meu trabalho. Ao escrever sobre a produção de Lygia Clark, Suely Rolnik observa que obras propositivas “(...) favorecem, naqueles que se dispõem a experimentá-las, o acesso à sua própria po-

tência de criação e à eventual ativação do trabalho para dela reapropriar-se (...)” (ROLNIK, 2017, p. 49),

Utilizo desta linguagem de modo a questionar os cânones antigos, que resultaram em séculos de marginalização desta técnica e da produção de mulheres artistas, e questionar de quais maneiras a hierarquia de gênero ainda é presente no meio da e sobre como o feminino e outros corpos dissidentes ainda sofrem opressões e apagamentos.

Bordando, começo a me questionar sobre o lugar ocupado pelas artes têxteis na história da arte, que foram consideradas pelos pensadores renascentistas como uma arte menor, diferente das Belas Artes, ensinadas aos homens nas academias que pautavam o sistema oficial das artes, academias estas que foram inacessíveis às mulheres até meados do século XIX. O bordado estava associado culturalmente no Ocidente com o feminino, o doméstico e o decorativo, não merecendo o status de Arte.

No século XIX, durante a primeira onda do feminismo, as Sufragistas utilizaram cartazes bordados à mão em suas manifestações pelos direitos das mulheres. Durante as ditaduras na América Latina, grupos de mulheres como as *Madres da Plaza de Mayo* e as *Arpilleiras* também utilizaram do bordado para expressar sua resistência, subvertendo os valores tradicionalmente associados a esta prática. (ALLUCI, 2019)

Essa prática e pesquisa motivam a criação da instalação *Sala de Estar*, na qual crio um espaço de diálogo e convivência – um ponto de encontro para conversar sobre essas e outras histórias, tecendo juntos uma *herstory* (MIRANDA, 2018) aberta às experiências de corpos diversos e múltiplos pontos de vista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao conversar sobre minha pesquisa com um amigo e colega de mestrado, Renan Soares, ele me conta uma memória: como eu, ele também costumava bordar quando era criança, mas não bordava há muitos anos. Aprendeu com a madrinha, que era costureira, e passava as tardes bordando com ela, até que um dia foi até uma loja de aviamentos para comprar materiais e a atendente da loja perguntou, espantada, se ele bordava, causando risadas em todos os presentes no local. A partir desse momento, meu amigo internalizou que o bordado era “coisa de mulher” e não bordou mais, mesmo que gostasse de bordar. Assim nasce a ideia de nos encontrarmos para bordar, e essa ideia vai crescendo.

Fruto de nossa conversa, criamos *Sala de Estar*, uma instalação participativa na qual montamos um ambiente com materiais de costura em uma exposição no espaço de arte Corredor 14. Ocupamos o longo corredor com bancos de madeira e almofadas, pregamos em uma das paredes prateleiras que se transformam em mesas, sobre as quais espalhamos linhas, agulhas, diferentes tecidos, botões, tesouras, meadas, porta-alfinetes, seguranças, canetas “mágicas” (cuja tinta se apaga com o calor, muito usada para riscar tecidos) e outras miudezas. Os visitantes da exposição eram convidados a sentar e bordar junto conosco (Figura1).

Ao encontrar os espectadores-participantes, abríamos o diálogo contando nossas memórias relativas ao ato de bordar, de modo a incentivar que fizessem o mesmo. Assim, geramos conversas sobre estereótipos e violências de gênero e incentivamos a imersão em um processo de criação artística.



Figura 1 - Bordando na *Sala de Estar*. Rafaela Barbosa. 2021.

4. CONCLUSÕES

Na obra *Sala de Estar*, pude compartilhar com o público aspectos da minha pesquisa acadêmica sobre o bordado e sua utilização e sentidos poéticos na história da arte e no contexto da arte contemporânea de maneira mais descontraída e informal do que num artigo científico ou em uma apresentação em congresso. Creio que, com a obra de arte, exposta em uma exposição, também tenha atingido um público mais amplo e diverso do que no meio acadêmico.

Através da interação com o trabalho, os espectadores-participantes sentiram na pele alguns aspectos da minha pesquisa, como a ativação de memórias e a contação de histórias através do bordado e o estímulo de uma presença plena e atenção à experiência do momento vivido instigado por esta prática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLUCCI, Renata Rendelucci. “Una aguja, una lámpara, un telar”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e54376, 2019.

MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de Memórias: Epistemologias Feministas nos Estudos de Cena. **Urdimento**, Florianópolis, v.3, n.33, p. 231-248, dez. 2018.

ROLNIK, Suely. O saber-do-corpo nas práticas curatoriais Driblando o inconsciente colonialcapitalístico. In: **Curadoria em artes visuais: um panorama histórico e prospectivo** /organização Fernanda Albuquerque e Gabriela Motta. São Paulo: Santander Cultural, 2017.
p 47-76